

GÊNIO

*Luiz Camillo Osorio*¹

A noção de gênio na *Crítica da Faculdade do Juízo* (CFJ), apesar de ter sido tratada apenas em algumas páginas da parte do livro relativa ao juízo estético, teve repercussão superlativa, tendo redefinido a compreensão do fazer artístico a partir do Romantismo. O gênio, segundo as características estabelecidas por Kant, é o que modernamente foi tomado como as condições específicas do gesto criador. Os seus atributos principais - originalidade e exemplaridade - são constitutivos do que se entende por arte, a partir do *Fausto* de Goethe, das sinfonias de Beethoven e das pinturas tardias de Goya.

Do ponto de vista da etimologia, o dicionário alemão Wahrig indica sua origem no francês *génie*, que vem do latim *genius*, considerado como espírito protetor e, mais tarde, espírito criador. Como aponta Agamben, “os latinos chamavam *Genius* ao deus a que todo homem é confiado sob tutela na hora do nascimento” (AGAMBEN, 2007, pag 15). O dicionário latim-alemão *Langenscheidts* também remete a *gigno*, *gignere*, com etimologia *Gen*, *gn*, *gne* (*gno*, *gna*), do sânscrito *jánati*, *janítár*, indicando gerar e surgir. Aparentemente, de início, gênio só teria a ver com o nascimento, com a crença num espírito que acompanha o indivíduo do berço ao fim. Depois, foi entendido como o fogo que anima a criação ou a invenção. Assim, o gênio surge nas línguas modernas como algo que seria próprio de cada um, como o que, ao mesmo tempo, protege e singulariza – autenticando e inventando um estilo.

A introdução, por Kant, na CFJ, da noção de gênio, tem o propósito de explicar o modo particular como a criação artística seria passível de produzir beleza, isto é, aquilo que encanta sem explicação, que não estaria submetido a um conceito, que não teria uma regra consciente mobilizando as etapas do fazer. Ao mesmo tempo, arte é fazer, nasce de um gesto produtivo, intervindo no mundo, na sua materialidade, buscando uma forma, uma formalização viabilizadora do belo. “Gênio é o talento (dom natural) que dá regra à arte. Já que o próprio talento enquanto faculdade produtiva inata do artista pertence à natureza, também se poderia

expressar assim: *Gênio* é a inata disposição de ânimo (*ingenium*) pela qual a natureza dá regra à arte” (KANT, 1993, pag 153). Picasso afirmou, na sua arrogância bem-humorada, que não procurava o belo (ou a arte), mas o achava. Entretanto, para achar, ele fazia, ele trabalhava, entregava-se ao trabalho, sem ter, no entanto, consciência prévia do que seria achado: a arte, a beleza artística.

Ao introduzir a noção de gênio, Kant deslocou a atenção daquele que contempla o belo, do espectador que se vê diante da beleza natural, para o processo de criação artificial da beleza, para o fazer artístico. Ele procurou, então, explicar o inexplicável, ou melhor, explicar o que não pode ser demonstrável nem mesmo ensinável - a forma de criação do belo (da arte). Ao deslocar a discussão da perspectiva do espectador para a do artista/criador, ele passou a enfrentar os desafios inerentes a esta criação e buscou caracterizá-la. Kant afirmou: “Disso se vê que o gênio 1) é um talento para produzir aquilo para o qual não se pode fornecer nenhuma regra determinada (...) 2) visto que também pode haver uma extravagância original, seus produtos têm que ser ao mesmo tempo modelos, isto é, *exemplares*, por conseguinte, eles próprios não surgiram por imitação e, pois, têm de servir a outros como padrão de medida ou regra de ajuizamento” (KANT, 1993, pag 153).

Todo o cuidado de Kant, ao quebrar com o princípio poético da *mimesis*, que determinava as convenções e procedimentos necessários para o artista e a arte serem possíveis, era não fazer da criação livre um capricho extravagante que não produzisse qualquer sentido comparitilhável. Eis o desafio proposto por Kant ao artista: faça o novo, faça aquilo que não se deixa ajuizar pelas regras instituídas, mas de tal modo que nele se constituam novos parâmetros de ajuizamento. De outro modo: seja original, mas também, guarde a exemplaridade e a comunicabilidade. Deste modo, o desafio passa também a ser de quem julga: procure na experiência singular do belo (e da arte) os sentidos que nele e a partir dele serão instaurados. “É difícil explicar como isto seja possível. As ideias do artista provocam ideias semelhantes em seu aprendiz, se a natureza o proveu com uma proporção semelhante de faculdades do ânimo. Os modelos da arte bela são por isto os únicos meios de orientação para conduzir a arte à posteridade” (KANT, 1993, pag 155). Ajuizar a arte, depois de Kant, implica disponibilidade afetiva e alguma capacidade inventiva, uma vez que o significado não está dado.

Assim, a noção de gênio introduziu no campo da experiência estética um tipo de criação que não pode ser considerada mera potência subjetiva, mero arbítrio idiossincrático, pois existe na natureza algo como a doação de uma nova regra, algo não determinado pelo sujeito inspirado. Aqui, a natureza é aquilo que no humano cria como se fosse geração espontânea, como se fosse inumano. Por outro lado, da perspectiva do espectador, há também uma tarefa criadora, isto é, o compromisso com o fato de a singularidade do belo não ser ajuizável. O sujeito afetado por ele precisa promover uma afinação livre e indeterminável entre suas faculdades a partir da forma experienciada.

Uma formulação contemporânea bastante sintonizada com o espírito da criação artística inaugurado pelo gênio kantiano, foi a que foi apresentada por Marcel Duchamp, ao definir o que chamou de coeficiente artístico em um texto intitulado “O ato criador”. Segundo o artista francês, este coeficiente seria “uma relação aritmética entre o que permanece não expresso,

embora intencionado, e o que é expresso não-intencionalmente.” (DUCHAMP, 1986, pag 73) Por um lado, o artista cria a partir de uma intenção, de uma vontade de arte, mas esta não determina todo o conteúdo expressivo da obra. Por outro, surgem sentidos que não foram necessariamente visados pelo artista, que escapam à intenção e ao desígnio do sujeito criador – abrindo espaço, segundo Duchamp, para a recepção participar do processo criador, atualizando sentidos imprevisíveis, mas contidos, enquanto latência, na obra.

A obra de gênio, portanto, obriga a recepção a participar da tarefa infinita que é a criação de sentido – denominado por Kant de ideias estéticas: “aquela representação da faculdade da imaginação que dá muito a pensar, sem que contudo qualquer pensamento determinado, isto é, *conceito*, possa ser-lhe adequado, que conseqüentemente nenhuma linguagem alcança inteiramente nem pode tornar compreensível” (KANT, 1993, pag 159). Se a noção de gênio, posteriormente a Kant, foi desgastada por uma valorização excessiva do criador dotado de inspiração, em uma dimensão estritamente subjetiva, voltar à CFJ e às páginas dedicadas ao processo de criação, ajuda a desconstruir esta leitura equivocada. O gênio, neste seu momento inaugural, está sempre em contato e é atravessado por aquilo que lhe é exterior (a natureza / o que não pode ser acessado pela consciência) produzindo um sentido (as ideias estéticas) que carrega consigo a força de atualização histórica e o maravilhamento estético.

RESUMO: Apresentação da noção kantiana do gênio, assumindo-a como ato inaugural da concepção romântica e moderna de criação artística. Ao longo da modernidade, na contramão do sentido dado por Kant ao gesto criador, a ideia de gênio foi se transformando em mera inspiração subjetiva. O intuito deste verbete é de procurar recuperar o sentido kantiano de criação na arte de modo a torna-lo mais pertinente para o debate estético contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Kant. Gênio. Crítica da Faculdade do Juízo.

ABSTRACT: A brief presentation of Kant's notion of genius, taking it as the starting point to the romantic conception of the artistic production. After that, going against its original meaning, the idea of genius became linked to an arbitrary and subjective inspiration. The main purpose of this article is to recover Kant's sense of genius to bring it back to the contemporary debate on aesthetics and artistic creation.

KEYWORDS: Kant. Genius. Critique of the Power of Judgment.

REFERÊNCIAS / REFERENCES

- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ALLISON, H.E. *Kant's theory of taste*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DUCHAMP, M. “O ato criador” in BATCOCK, G; *A nova arte*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2002.
- FIGUEIREDO, V. *Horizontes do belo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017
- GUYER, P. *Values of beauty*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. *Essays in Kant's aesthetics*. Chicago: Chicago University Press, 1985
- NUNES, B. *Introdução à filosofia da arte*. Campinas: Editora Ática, 1989.
- RANCIÈRE, J. *O Inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REGO, P. *A improvável unanimidade do belo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002

REIS, P.; CERÓN, I.P. (Org.) – *Kant: crítica e estética na modernidade*. Rio de Janeiro. Editora Senac, 1999.

NOTAS / NOTES

¹ Luiz Camillo Osorio (Rio de Janeiro, 1963) - Associate Professor of Aesthetics at the Philosophy Department at PUC-RJ. Researcher CNPq. From 2009 until 2015 was Chief-Curator at the Museum of Modern Art Rio de Janeiro (MAM Rio). Curator of the Brazilian Pavillion at Venice Bienalle 2015.

Main Published books: “Flavio de Carvalho: uma poética em trânsito”, Editora Cosac&Naify, SP, 2000; “Razões da Crítica”, Editora Jorge Zahar, RJ, 2005; “Olhar à Margem: Caminhos da arte brasileira”, São Paulo, Editora SESI-SP e Cosac&Naify, 2016.

Recebido / Received: 27.6.2018.

Aprovado / Approved: 15.7.2018.